

RESENHA DO LIVRO “ESTUDO DE CAUSO” DE PAULO HENRIQUE PAPPEN

Karine Simoni¹

O título de uma obra comporta em si, espontaneamente, uma chave de leitura do seu conteúdo. Paulo Henrique Pappen, formado em Letras pela UFRGS e autor do recente *Estudo de caso*, publicado em agosto de 2015 pela editora Penalux, de Guaratinguetá/SP, parece querer informar ao/à leitor/a de imediato que o seu texto não retrata a língua, a linguagem e a literatura como sistemas inertes, uniformes ou desconexos. Pelo contrário, o título obedece a lógica de qualquer texto que se queira capaz de romper as fronteiras entre os gêneros e as formas literárias, e, em consequência, de revitalizar os desenhos narrativos ao entendê-los como dotados de propriedades inter/ trans/multidisciplinares. De fato, há diferenças entre estudar um *causo* e estudar um *caso*: o primeiro remete-se comumente à narração oral de acontecimentos reais ou fantásticos, o que por si só alcança uma amplitude e uma riqueza de significados que extrapolam o segundo, normalmente associado a um método de pesquisa baseado na observação/ investigação das particularidades de um dado fenômeno. Já na breve nota introdutória que antecede o texto o/a leitor/a é levado/a pensar sobre o trocadilho do título e sobre o conteúdo da obra:

Este livro é resultado de uma pesquisa de campo que eu fiz em 2013, na localidade de Nossa Senhora das Grotas, em Caxias do Sul, RS. São causos que eu gravei e depois transcrevi. Outras informações e explicações estão em notas de rodapé. *O todo pode ser lido como um trabalho de linguística, um livro de contos e quem sabe, um romance*”. (PAPPEN, 2015, s/p. Grifos meus).

Sentencia-se assim, desde o início, o indefinido, o vago, o esfumado, que não só despertam a curiosidade do/a leitor/a como também parecem reconhecer o seu valor, pois a ele/a nada é imposto, pelo contrário: lhe é dada a liberdade de estabelecer a sua própria concepção da obra e o consequente modo de ler o texto. Paulo Henrique Pappen parece assim estar

1 Professora Adjunta do Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras e do programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em História Cultural (2003) e Doutora em Letras (2009) pela Universidade Federal de Santa Catarina.

de acordo com o que defende Walter Benjamin: “Metade da arte narrativa está em evitar explicações.” (1986, p. 203). Fica, portanto, bastante evidente a confiança que Paulo Henrique Pappen deposita na potencialidade da linguagem e também a aversão à ideia de incompatibilidade entre linguística e literatura; ideia essa que – é válido destacar – desenvolve com maestria e viva naturalidade no decorrer do texto. Talvez surja daí o efeito de uma obra aberta, sem limites fixos e em expansão, da qual emerge uma experiência narrativa centrada no autor personagem que organiza o texto e escreve em primeira pessoa, o que pode levar os/as menos avisados/as a pensar, por exemplo, que autor, narrador e autor-personagem se confundem. Dito de outro modo, o autor-personagem-narrador é representado como o escritor ficcional do texto que ele próprio conta. Nesse sentido, vale a pena reportar o que pensa o escritor, crítico literário e tradutor italiano Giorgio Manganelli sobre o significado do autor, assim explicado por Marco Lucchesi: “o autor é uma hipótese não-necessária [...] Existem apenas filamentos de palavras, teias de aranha de palavras, emaranhados de palavras. A existência do autor é improvável e danosa. Teoricamente um estorvo, um puro e simples resíduo ptolomaico”. (1997, p. 40)

Se considerarmos tal perspectiva, menos importa saber quem escreveu a obra e mais vale reconhecer a capacidade ficcional do seu autor; capacidade esta que inclui também a habilidade de construir universos literários a partir de operações textuais autobiográficas, herança da mudança de perspectiva do narrador no século XX. (cfr. BENJAMIN, 1986) Pensemos então na figura do autor-personagem de *Estudo de Causo* em relação ao enredo, aparentemente simples, dividido em trinta capítulos, ou contos, como alerta a nota introdutória. O autor-personagem identifica-se como um jovem professor de Porto Alegre que se dirige à localidade de Nossa Senhora das Grotas, zona rural do município de Caxias do Sul, com o objetivo de “fazer uma entrevista com alguns habitantes locais” (PAPPEN, 2015, p.18) para, de posse desses dados, poder concluir a sua pesquisa de mestrado. Define-se como “um linguista em busca de dados espontâneos de fala.” (PAPPEN, 2015, p. 14) Após chegar à única venda do local, que também servia como *bodega*, é recebido com desconfiança e de forma não muito amistosa pelos frequentadores do lugar:

Entrei na birosca e foi aquele silêncio. Os que estavam jogando mora pararam, com os dedos no ar. O bodegueiro paralisou com um garrafão na mão. O do palito de dente cuspiu no chão. Todos armados [...] O bodegueiro perguntou quem eu era e o que eu queria, me apontando uma espingarda. (PAPPEN, 2015, p. 18).

Na sequência descobrimos o por quê de tais atitudes, e logo adiante a situação toma outro rumo quando um sujeito respeitado nas redondezas, identificado como Coronelinho, se aproxima do professor e lhe oferece estadia em um galpão que está sendo construído em sua propriedade. No local, o professor conhece o pedreiro Treze, nome de Vandalino Zanatta, descendente de italianos, com cerca de 50 anos de idade, escolaridade básica, que imediatamente começa a lhe contar histórias. Animado com a possibilidade de conseguir recolher os dados que necessita para a pesquisa, o autor-personagem pede então ao Coronelinho que lhe permita ficar ali por alguns dias, mesmo com a condição de aceitar o emprego de ajudante de pedreiro. A partir de então a história ganha novos rumos.

Temos acesso a tais informações pelas notas de rodapé, e por conta desse efeito poderíamos dizer que existem dois enredos paralelos – mas não dissociados: um é dado pelas narrativas do Treze, das quais falarei adiante, e o outro trata da voz do autor-personagem, que se utiliza das notas de rodapé tanto para analisar os dados da fala do Treze quanto para descrever as vivências de pesquisa e, por fim, para refletir sobre experiências pessoais mais íntimas ocorridas em diferentes momentos da vida. Nessas notas o autor-personagem dialoga diretamente com sua interlocutora, chamada de “Cara orientadora”, que, embora não tenha voz ativa no texto, tem o papel fundamental de ser a destinatária primeira dos relatos e das reflexões. O método e a metodologia da pesquisa, ou do *estudo de caso*, bem como seus resultados, vão sendo explicados à medida que os fenômenos linguísticos como as variações do uso do *r forte* e do *r fraco* (objetivo principal da pesquisa), paroxitonização, pluralização do *que*, léxico, pronúncia, entre outros, são identificados nos relatos do Treze. A orientadora é também a testemunha das transformações mais pessoais do autor-personagem, percebidas aos poucos no decorrer do texto, pois, enquanto ele ajuda o Treze a construir o galpão e a alterar a paisagem, vai também modificando e (re)construindo a própria imagem de si, o seu modo de ver a pesquisa e o seu objeto, a academia, as relações pessoais-afetivas. Ao (re)conhecer o mundo através da arte narrativa do Treze e ao ser capaz de construir com ele uma relação de confiança e amizade, o autor-personagem olha para os seus próprios caminhos e ações, para as mudanças que influenciam suas crenças e pensamentos (e vice-versa), e mostra a procura em alcançar o (re)conhecimento de si e do mundo. Veja-se, por exemplo, as notas de rodapé de número 29 e 37, respectivamente:

[...] Me vejo incapaz de me concentrar apenas na fonologia, ainda mais de um ponto de vista estritamente formalista.

Talvez o estudo de caso pudesse ser ampliado para abranger teorias antropológicas, sei lá. Minha formação não me dá tantos recursos e me sinto cada dia mais ignorante. (PAPPEN, 2015, p. 71)

Cara orientadora. Não sei se pelo convívio com o sujeito entrevistado ou se por um recente interesse estético-literário sobre a língua (o que também deverá ser atribuído a esse período nas Grotas), o fato é que o *r fraco* me parece muito mais adequado do que o *r forte* em diversas situações. *Corentinha*, por exemplo, faz visualizar melhor o objeto referido (molenga, frágil, brega). Me parece cada vez mais difícil não incluir algum comentário de natureza semântico-pragmática na minha dissertação. (PAPPEN, 2015, p. 83. Grifos no original)

Ao expor suas dúvidas e descobertas, o autor-personagem vai aos poucos se mostrando um sujeito em nada estático, às vezes em crise, às vezes seguro de si, que indaga e busca compreender e organizar com o mesmo empenho tanto os dados da pesquisa quanto as suas atribuições de cunho pessoal. Há de se destacar ainda as dores provocadas pelo trabalho físico, pela falta de comida (“produtos químicos com estômago vazio só podem dar dor de cabeça (os analgésicos eu tinha tomado no primeiro dia, pela dor no corpo. Agora só restava respirar.)” (PAPPEN, 2015, p. 120)), de condições de higiene e de conforto (“Banho a gente tomava de mangueira, e o sabão ele mesmo [Treze] tinha feito, com soda cáustica e banha de porco. [...]” (PAPPEN, 2015, p. 34-35)) como não menos inspiradores para que o autor personagem revisasse a própria história e a própria pesquisa.

A outra parte do enredo, se assim podemos dizer, é a que ganha mais destaque no conjunto, tanto pelo tamanho da letra ser maior em relação àquele das notas de rodapé, quanto pelo número de páginas e pela quantidade de texto. Trata-se das narrativas, ou os causos, do Treze, personagem que, além de fornecedor da matéria prima que o autor personagem precisa, ou seja, a linguagem, acaba por se tornar também um amigo. Por isso, a obra poderia ser lida também como uma bela história de amizade; uma história que se compõe de outras tantas e pequenas histórias, amarradas e (re)significadas na voz do Treze, da qual ecoam os homens e mulheres que Paulo Henrique Pappen busca nas ruas, nas paisagens rurais, urbanas e praiérias: trabalhadores, aventureiros, pedreiros, motoristas de ônibus, homens da roça, padres, mulheres, moças, pessoas cujas diferentes marcas

físicas e de caráter servem como principal inspiração para compor os/as personagens e as histórias que povoam o repertório do Treze. É válido destacar que o autor-personagem procurou transcrever as falas gravadas do modo mais fidedigno possível, embora tenha optado por “marcar na escrita apenas o que é particular do sujeito em questão”. (PAPPEN, 2015, p. 25) Ou seja, ele explica que não marcou na transcrição termos que são comuns à maioria dos falantes da língua portuguesa do Brasil, sejam eles cultos ou não. É o caso de “pneu”, pronunciado quase sempre com mais naturalidade como “pineu” ou “peneu”. (PAPPEN, 2015, p. 48)

Da preocupação em transcrever apenas o que é singular da fala do Treze, emerge um texto escrito com características orais bastante específicas. Transcrevo, a título de exemplo, o início do primeiro capítulo, *Vandalino, mas pode me chamar de Treze*, no qual Treze se apresenta ao professor:

Você que vai ajudar construir o garpão?

Treze porque tinha lá a loteria esportiva, sabe, que se você fizesse treze ponto você ganhava uma bolada. É assim, não adianta: você tem sorte UMA vez na vida, e a gente nunca sabe direito o que fazer com ela. Daí já viu: tudo mundo começou a me chamar de Treze, lá em São Pedro. Um miserento que teve sorte... As guria ficavam curiosa, pensavam ai, que será que é Treze? Bobagem sempre pega, né. Um chamamento desse é só pra você não esquecer nunca do azar que você tem. (PAPPEN, 2015, p. 11)

Por outro lado, há de se considerar que talvez não seria completamente adequado reduzir as palavras do Treze a uma condição particular da existência humana, pois a forma de narrar pode atingir uma amplitude e uma profusão de significados que não contemplam apenas uma realidade, um destinatário, mas podem se estender, por exemplo, ao grupo ao qual ele pertence.

As histórias tratam dos mais variados temas, como de viagens, diversões, observações morais a respeito do trabalho, das relações amorosas, de amizade e de parentesco, bem como percepções e visões de mundo e dos homens e mulheres. À medida que são narradas e as etapas da construção do galpão vão sendo concluídas, o/a leitor/a vai adquirindo uma certa segurança para identificar e até prever o desfecho do enredo e a visão do Treze sobre os fatos, mas mesmo as mais singelas propostas podem ser ao mesmo tempo surpreendentes. É o caso da história do jovem que foi atacado e engolido por porcos (PAPPEN, 2015, p. 97-100), ou ainda o relato do Treze

a respeito da paternidade dos seus filhos. (PAPPEN, 2015, p. 105-110) Sem grandes pretensões, Paulo Henrique Pappen apresenta de modo inspirador um mundo em dissolução – o mundo das fronteiras definidas entre literatura, linguística, história, memória, e consegue o efeito de uma narração densa e bela, ritmada pela oralidade, que lhe permite, quando necessário, aumentar ou diminuir a velocidade narrativa, usando recursos como uso de palavras com letras maiúsculas ou repetição de letras na palavra. É, nesse sentido, uma obra que remete ao conceito de *texto* dado por Roland Barthes em *Aula*:

o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro. Posso portanto dizer, indiferentemente: literatura, escritura ou texto. (1978, p. 16)

Se a literatura é a utilização da linguagem não submetida ao poder das estruturas linguísticas, uma vez que a linguagem literária não carece de regras de estruturação para se fazer compreender, o autor tem total liberdade para escolher e criar a sua própria estrutura. Para fugir da escravidão da linguagem como expressão do poder, só nos resta “trapacear com a língua, trapacear a língua. Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: literatura”. (BARTHES, 1978, p. 16) Nesse sentido, *Estudo de Causo*, me parece, tem um pouco de tudo o que manifesta a grandeza da literatura.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *O narrador*. In: Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política. 2. ed. Traduzido por Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BARTHES, Roland. *Aula*. Traduzido por Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1979.
- LUCCHESI, Marco. *O sorriso do caos*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- PAPPEN, Paulo Henrique. *Estudo de caso*. Guaratinguetá/ SP: Penalux, 2015.